



# PORTUGAL DEMOCRÁTICO

ANO XIII — N.º 139 — S. PAULO ABRIL DE 1969 — REDAÇÃO: RUA LIBERO BADARÓ, 488 — 5.º ANDAR — SALA 50 — CAIXA POSTAL, 6248

## A OPÇÃO INADIÁVEL

A marcha do processo político em Portugal, no mês de Março confirmou os receios e as esperanças que havíamos manifestado. A seis meses do acto "eleitoral" de Outubro, a desejada unidade entre todas as forças anti-fascistas ainda não se realizou. Temíamos que isso acontecesse. Mas a combatividade das forças populares, a escalada das reivindicações operárias, estudantis e camponesas é também um facto. Não esperavamos do povo outra atitude.

O momento não é compatível com rodeios e meias palavras. Se quiséssemos exprimir num gráfico o comportamento das forças políticas que se opõem ao regime não teríamos hoje a menor dificuldade em traçar a linha divisória que as separa. De um lado arregimentam-se os grupos e individualidades que acreditam nas novas possibilidades abertas pelas manobras do sr. Marcelo Caetano, que oscilam entre a expectativa e o colaboracionismo, combatendo nos bastidores a maré montante das reivindicações populares, por considerarem tais lutas prejudiciais ao bom encaminhamento da campanha eleitoral e aos desdobramentos da "liberalização". Do outro encontramos as forças que, desafiando abertamente o regime, insistem em transformar a campanha "eleitoral" numa batalha pela liberdade, ligando-a à luta por objectivos concretos imediatos.

Não se pode negar a evidência. As tendências oportunistas e sectárias florescem no seio de grupos e grupelhos divorciados do povo. O que menos importa é a forma que elas assumem. Uns pregam o abstencionismo e o boicote das "eleições"; outros temem a radicalização das lutas populares, querem uma campanha bem comportada, com receio de que Marcelo feche à Oposição as portas da Assembleia Nacional fascista.

Por incrível que pareça, elementos que se dizem progressistas negam-se a participar de iniciativas tendentes à satisfação das aspirações mais imediatas do povo português. Importa declarar com a maior clareza que o beneficiário directo

dessa política de vacilações e oportunismo é o fascismo. A política dos braços cruzados, da expectativa, do temor dos ultras (como se Marcelo não fosse êle próprio um colonialista e um fascista) conduz ao colaboracionismo com a ditadura, vale dizer à capitulação completa.

O Governo de Salazar sem Salazar tem medo de consultar o povo português. Mas não o confessa, prefere fazer o possível e o impossível para dividir a Oposição. E, infelizmente, há nesta elementos que se mostram receptivos aos apêlos ao bom comportamento. Ora, como muito bem lembra a FPLN, se "a batalha a travar é a batalha pelo direito à organização legal, é, também, a batalha pela organização ilegal".

O momento é daqueles em que ninguém pode fugir a assumir responsabilidades. As palavras e os actos mais simples têm o peso de opções decisivas.

O papel de todos os anti-fascistas autênticos é ao lado das massas e não contra elas. E, nos últimos meses o povo português tem afirmado de maneira unívoca a sua disposição para a luta. Cabe aos dirigentes tomar a iniciativa, criar organismos para comandar a batalha, proceder de modo a conquistar posições nas organizações legais. A unidade é mais do que nunca necessária para mobilizar as massas, para abrir caminho na direcção do objectivo final: o confronto entre o povo e o aparelho de repressão do Estado fascista, do qual sairá a destruição do regime. Os sectores anti-fascistas mais conscientes têm de tomar a iniciativa, com audácia e confiança. Cabe-lhes atacar o adversário, sem lhe dar a oportunidade de ser êle a dividi-los primeiro, para depois os esmagar isoladamente.

A hora, repetimos, é de ofensiva em todas frentes. A vitória está ao nosso alcance. A escolha a fazer é entre a luta e a capitulação.

PORTUGAL  
DEMOCRÁTICO



### "A tomada da Bastilha"

Os estudantes portugueses continuam desempenhando um papel de extraordinária importância na luta contra o fascismo. Ao contrário de certos grupos e personalidades que se mostram sensíveis à demagogia mistificadora do caetanismo, os universitários recusaram desde a primeira hora a política do diálogo e da conciliação, obrigando o salazarismo sem Salazar a desmascarar-se. Em Dezembro,

o Instituto Superior Técnico foi fechado, o que provocou a greve geral na Universidade de Lisboa. Em Fevereiro, os estudantes de Direito responderam ao assassinio de Eduardo Mondlane com um gesto de desafio e denúncia: inauguraram na Faculdade de Lisboa o retrato do grande líder da FRELIMO.

No Porto a luta reivindicativa da juventude estudantil assume aspectos cada vez mais

organizados a reflectir a vitória da unidade. Em Coimbra a participação da Universidade no processo político traduz-se por uma série de iniciativas de grande alcance, alarmando as autoridades fascistas. As comemorações da chamada Tomada da Bastilha alcançaram este ano uma amplitude que pode ser avaliada pela gravura que publicamos. Milhares de estudantes deram a sua adesão ao grande desfile que

constituiu uma serena e impressionante demonstração de protesto contra o regime. Coimbra inteira, pôde-se dizer, aderiu à manifestação dos estudantes, solidarizando-se com eles. A cidade compreendeu, sentiu, que o salazarismo sem Salazar, as guerras coloniais, a política de traição nacional de Marcelo Caetano eram julgados e condenados pelos milhares de estudantes que desfilavam pelas ruas.

### Nesta edição:

- \* CAETANO VISITA NIXON — pág. 4
- \* O ESCANDALO DOS PASSAPORTES - pág. 5
- \* O TERREMOTO - pág. 4
- \* OS NOVOS MINISTROS — pág. 8
- \* A LUTA DOS ESTUDANTES — pág. 8
- \* APELO AOS TRABALHADORES — pág. 2

## José Bernardino em liberdade

JOSÉ BERNARDINO já está em liberdade! Saiu das masmorras da PIDE no início de Março. Cumprida a pena em que fôra condenado, a polícia e os tribunais fascistas não tiveram condições para o manter preso por mais tempo. A campanha nacional e internacional desencadeada em torno da libertação do grande líder estudantil foi tão intensa e permanente, alcançou tais proporções que o Governo não ousou enfrentar o escândalo que a recusa da liberdade para JOSÉ BERNARDINO provocaria.

Não estamos portanto — como alguns conciliadores não deixarão de insinuar — perante uma prova de clemência do sr. Marcelo Caetano, mas sim diante de uma vitória do povo português, de uma consequência directa da luta pela amnistia e contra a repressão a qual conta com o apoio da esmagadora maioria da Nação.

Entre os estudantes, o entusiasmo suscitado pela libertação de JOSÉ BERNARDINO foi particularmente expressivo, por se tratar do dirigente académico que pela sua combatividade, patriotismo e sentido de organização mais prestígio desfrutava entre a juventude.

"Portugal Democrático", que participou de todas as campanhas de solidariedade a JOSÉ BERNARDINO, associa-se ao jubilo do povo português, na certeza de que JOSÉ BERNARDINO estará já na primeira fila do combate ao salazarismo sem Salazar.



# As "eleições" de Outubro e as ilusões legalistas

MIGUEL URBANO RODRIGUES

A Unidade Democrática Portuguesa acaba de editar um folheto intitulado "As Eleições de Outubro e as ilusões legalistas" em que o nosso companheiro de redacção Miguel Urbano Rodrigues procede a uma análise da conjuntura portuguesa criada pelo processo "eleitoral" em curso e, detendo-se em vários aspectos do comportamento das forças em presença, conclui pela necessidade da formação de uma ampla frente unitária das forças anti-fascistas, preconizando a adopção de uma estratégia francamente ofensiva, orientada no sentido de uma participação crescente das massas populares na "campanha", cujo objectivo principal não pode ser a conquista de meia dúzia de cadeiras na Assembleia caetanista, mas sim o derrubamento do próprio fascismo.

Transcrevemos abaixo uma passagem desse trabalho.

## POMBAS E FALCÕES?

24 "O pavor dos ultras tornou-se nos últimos meses uma obsessão para determinados elementos conservadores da Oposição. O medo — é a palavra — de que o adepto daquilo a que chamam o "fascismo de direita" possam mandar para casa o sr. Marcelo Caetano ganhou amplas camadas da pequena burguesia que haviam recebido com expectativa benévola a escolha do novo chefe do Governo. Uma palavra atribuída ao decrépito general Santos Costa, um comentário de um simples coronel gorila de regresso a Lisboa, uma catalinária agramatical do "deputado" Casal Ribeiro bastam para carregar a atmosfera de interrogações. Hoje fala-se muito de **endurecimento**. Há quem cite pesadamente a imprensa inglesa e americana para lembrar que "a primavera política portuguesa" chegou ao fim. Teme-se o futuro. A memória de muitos anti-salazaristas tornou-se tão fraca que, nos seus temores dos papões ultras olvidam que o País suportou durante décadas a fio o pior dos ultras.

Acontece que a "primavera" política portuguesa apenas existiu na imaginação de alguns demócratas ingénuos e dos elegantes redactores do New York Times e do seu émulo londrino. O longo inverno fascista continua. Nunca houve "liberalização" alguma. Caetano não cumpriu nenhuma das promessas feitas no seu discurso de posse. O salazarismo sem Salazar é uma realidade.

A desejada amnistia não veio; a censura à imprensa mantém-se; a repressão intensificou-se; a política colonialista foi solenemente reafirmada em desafio às Nações Unidas e à consciência universal; a escalada bélica prossegue; o Ministério da Educação e o Ministério do Interior colaboram fraternalmente numa política de obscurantismo e violência contra a juventude; o Instituto Superior Técnico e a Faculdade de Direito de Lisboa foram fechados pelo Governo; o sr. Rapazote dita as regras das "eleições"; Marcelo adverte as classes trabalhadoras de que as suas legítimas reivindicações não serão atendidas.

O panorama é sombrio, pesadíssimo. Mas ainda há demócratas que teimam em adivinhar nesgas de azul num céu de chumbo. Marcelo Caetano seria ele próprio uma vítima da engrenagem, estaria manietado pelos duros. Em abono do seu espírito "liberalizante" correm boatos sobre pretensas desinteligências entre a sua pessoa e a PIDE. As suas boas intenções seriam reais, mas não poderia pô-las em prática por se ver diariamente torpedeado pelas forças mais obscurantistas do regime.

25. Sejamos realistas. Marcelo Caetano vem dando continuidade à política de traição nacional de Salazar. Conscientemente, serenamente. Querer apresentá-lo como uma pomba vigiada por um bando de falcões é simplesmente ridículo. O seu Ministério está recheado de ultras. Rapazote, Franco Nogueira, Hermano Saralva, Silva Cunha, Moreira Baptista, Correia de Oliveira, Sá Viana Rebelo, para citarmos apenas alguns exemplos, são fascistas convictos. E alguns deles amigos pessoais do chefe.

Caetano está compenetrado do que muitos dos seus adversários não vêem. A escalada da violência parte do próprio Governo e não se apresenta como o resultado de pressões internas do regime, mas sim como consequência natural da luta corajosa do povo português. Quem defende o uso da violência contra a "anarquia generalizada" é o ministro dos Negócios Estrangeiros na bolorenta tribuna da Academia das Ciências; quem define as greves como "factor primordial da guerra civil", e ameaça esmagá-las brutalmente, é o ministro do Interior.

26. Na geografia do fascismo português há sem dúvida elementos ainda mais obscurantistas. Existem militares e civis de mentes pétreas que sonham com fuzilamentos em massa e desejariam ver a frente do Estado um pequeno Hitler, que desse carta branca aos Himmler e aos Eichman da P.I.D.E. e da G.N.R. A eles se ajustam as palavras do imortal Antonio Machado: "ratazanas de sacristia, flores de estufa, repugnantes lombrias de cano sujo". Não é mesmo impossível que Caetano venha a ser substituído. Mas não existe antinomia alguma entre os objetivos estratégicos do ex-comissário da M.P. e os que se proporiam os homens que se encaram como herdeiros intransigentes do pensamento de Salazar. Os fins são idênticos. Entre Caetano e os descontentes do sistema, o principal pomo de discórdia é o comportamento táctico adotado pelo primeiro tanto perante a Oposição como em face da opinião pública internacional. O actual chefe do governo fascista, muito mais inteligente, procurou desde o primeiro dia dividir os adversários, cindir as forças democráticas, mediante a criação nos setores mais moderados de esperanças ilusórias numa "liberalização", que tornasse possível uma solução pacífica para o problema português. Impedindo a unidade de todas as correntes democráticas, mais facilmente poderia enfrentá-las e batê-las; golpeando-as logo de início, indiscriminadamente, uni-las-ia, ao fechar todas as portas aos elementos predispostos ao diálogo.

O facto capital de o imperialismo norteamericano e o britânico, mercê do fortalecimento dos movimentos nacionalistas africanos em Angola e Moçambique, estarem interessados na sobrevivência do fascismo português não parece haver sido compreendido em profundidade pelos extremistas do regime. Muitos desses espíritos primários deixam-se impressionar pela demagogia caetanista e acabam chegando à sua conclusão semelhante à de certos demócratas conciliadores. Temem o que os últimos desejam: que as promessas de "liberalização" se concretizem.

27 Não dispomos de elementos que nos permitam uma avaliação da correlação interna de forças do fascismo. De qualquer modo, não será a gritaria histórica de generais reformados e de deputados de opereta que decidirá da permanência de Marcelo Caetano à frente do Governo. Londres e Washington devem possuir informações muito mais completas a respeito de uma questão chave que se resume numa pergunta: até que ponto os escalões intermediários do Exército de África, cada vez mais perplexos e carregados de dúvidas, seriam afectados por uma "revolução" palaciana no pombal fascista?

Num artigo sibilino (que pode inclusive ter sido inspirado pelo actual SNI) o New York Times escrevia no dia 19 de Fevereiro, em correspondência de Lisboa, que "durante várias semanas correram boatos segundo os quais as forças da extrema-direita pressionavam Marcelo Caetano com o objectivo de impedi-lo de renovar o clima político do País, afirmando-se que tal movimento contava com a participação de certos sectores das Forças Armadas, do mundo das finanças e do próprio Governo".

O cordeirinho inocente teria a quinta coluna no próprio redil... Mas a retórica jornalística esconde mal o que interessa aos pragmáticos anglo-saxónicos: a condução eficiente da guerra colonial, com ou sem Marcelo.

28. Na atmosfera de boatos, intrigas, articulações e manobras à volta da posição pessoal do Marcelo Caetano, muitos adversários do regime não prestam a devida atenção a alguns pontos de grande importância:

a) O papel das forças anti-fascistas não é obviamente o de zelar pela segurança do sr. Caetano e muito menos o de recuar para lhe garantir a sobrevivência política, se a mesma se vir ameaçada.

b) O mal chamado endurecimento expresso na actual escalada de violência, é uma iniciativa do próprio Governo presidido por Caetano, Governo que surge como porta-voz e instrumento do regime cuja destruição é desejada pelo povo português.

c) Não foram as articulações das cúpulas políticas, mas a combatividade da base a causa do **endurecimento**. É absurdo atribuir a uma inexistente "liberalização" as lutas desencadeadas pelos operários, pelos estudantes e pelos intelectuais portugueses. Não houve facilidades a estimular o aumento da contestação, não se assistiu a uma onda de agitação criada de cima para baixo, com objetivos experimentais. A série ininterrupta (e insuficiente ainda) de desafios ao sistema é estranha ao "diálogo" e incompatível com ele, parte de **baixo para cima**, vale por uma demonstração de que amplas camadas do povo português não acreditam na conciliação, não a aceitam e se dispõem ao confronto com o Estado fascista.

Não devemos, não podemos recuar. Não devemos, não podemos envolver-nos nas dissensões internas do sistema que pretendemos destruir."

O folheto do nosso companheiro poderá ser adquirido por intermédio do nosso jornal. O seu custo é de NCr\$ 2,00 acrescido das despesas do correio.

## Apêlo aos leitores

"Portugal Democrático" vê-se novamente forçado a apelar para os seus amigos espalhados pelo mundo. O recente aumento das taxas dos Correios, no Brasil, e a elevação dos custos do papel, da composição e da impressão, colocaram o nosso jornal em situação crítica. Vivendo numa situação de **deficit permanente**, qualquer aumento — e os últimos foram consideráveis — constitui uma ameaça à nossa sobrevivência. As assinaturas e contribuições especiais de leitores residentes no Brasil são, como já dissemos em anteriores oportunidades, insuficientes para garantir a saída normal do jornal. Assim, a menor alteração de preços no sector gráfico e nas tarifas postais, obriga-nos a recorrer aos nossos amigos fixados em outros países. É o que fazemos uma vez mais. Há núcleos da emigração democrática portuguesa que nunca deixaram de nos auxiliar nestes momentos difíceis. Bastaria que todos nos ajudassem como os do Canadá — onde o nosso companheiro A. dos Santos representa um admirável exemplo de dedicação e compreensão — para que as nossas preocupações financeiras desaparecessem e pudessemos inclusive aumentar a expansão do jornal. Quaisquer donativos podem ser enviados em cheque (em dólares, libras, francos ou marcos) endereçados a Portugal Democrático para a nossa Redacção, à Rua Líbero Badaró, 488, sala 50, em São Paulo.

## Apêlo aos trabalhadores portugueses emigrados

Paris (Do Correspondente) — A evolução do processo político português continua sendo acompanhada com o maior interesse pelos antifascistas portugueses residentes em França. A intensificação das lutas operárias e estudantis, particularmente, é encarada como sintoma auspicioso da combatividade crescente das massas e como incentivo à indispensável unidade de todas as forças políticas democráticas que combatem o regime. Reflectindo essa atmosfera de esperança e ao mesmo tempo uma firme oposição a todas as manobras conciliatórias, os Comitês de Ajuda à Luta do Povo Português divulgaram em Paris, no dia 20 de Fevereiro, o manifesto-abaixo reproduzido, endereçado AOS TRABALHADORES! AOS DEMOCRATAS PORTUGUESES IMIGRADOS!

"Neste momento, um grande movimento reivindicativo da classe operária desenvolve-se por todo o país.

Milhares e milhares de operários estão em greve.

Os estudantes de Lisboa estão de novo em luta. A Faculdade de Direito foi encerrada depois de ter sido ocupada pelos estudantes.

No Porto, o 31 de Janeiro foi assinalado por varias manifestações unitárias de grande significado político.

Nas fábricas de montagem de automóveis da "Ford" e da "General Motors", na Azambuja, os trabalhadores perante a recusa do patronato em lhes conceder um aumento de salário de 25 escudos por dia, declararam-se em greve e ocupam os locais do trabalho há mais de uma semana.

Os operários da fábrica de vidro "Covina", na Povoia de Santa Iria declararam-se também em greve. A administração com o falso pretexto de que não podia satisfazer as reivindicações dos trabalhadores encerrou a fábrica.

Em muitas outras fábricas, os operários através de concentrações paralizações e greves têm estado a exigir a satisfação das suas justas reivindicações, em especial o aumento geral de salários: Cuf do Barreiro, estaleiros navais "Lisnave", Perryson e Alfeite, nas oficinas da CP, etc...

Assinalam-se já várias vitórias dos operários; é o caso dos ferroviários que conquistaram um aumento de salários que val de 12 a 18,5% e dos operários da Cuf que passaram a ganhar ao mês, o que significa que também lhes passou a ser pago o domingo.

No passado dia 13 os operários da fábrica de pneus "Firestone", na margem sul do Tejo, recusaram pegar ao trabalho enquanto o patrão não satisfizesse a sua exigência de 25 escudos de aumento de salário por dia. Perante a firmeza manifestada pelos trabalhadores a direcção viu-se forçada a atender tal exigência.

Por seu lado, os estudantes de Lisboa, que há 2 meses fizeram uma greve geral em defesa dos seus direitos, estão de novo em luta. No dia 14 deste mês ocuparam a Faculdade de Direito mas foram obrigados a retirar-se depois da investida da polícia de choque comandada pela PIDE.

As autoridades fascistas mostram assim, mais uma vez, não estarem dispostas a respeitar a autonomia universitária, nem os direitos dos estudantes.

A jornada histórica do 31 de Janeiro foi assinalada este ano no Porto por varias manifestações dos demócratas e do povo contra o regime fascista. Um grande jantar, promovido por demócratas de varias tendências, reuniu num clima de entusiasmo e combatividade mais de 300 pessoas. Uma sessão que se realizou no Coliseu foi transformada numa grande manifestação unitária pelas 3 mil pessoas presentes. No fim desta sessão, foi formado um cortejo com centenas de manifestantes que percorreram varias ruas da cidade, apesar da brutal intervenção das forças repressivas.

Que conclusões tirar destes acontecimentos?

Lutando firmemente por melhores salários, através de greves e manifestações, enfrentando com coragem e decisão a brutalidade das forças repressivas comandadas pela Pide, os trabalhadores põem em causa o governo fascista de Marcelo Caetano — governo, que como antes o de Salazar, está ao serviço dos monopólios nacionais e estrangeiros.

Estas importantes acções anunciavam uma nova vaga de lutas populares contra o fascismo e pela Liberdade, neste ano de "eleições". E mais uma vez é a classe operária

que pela sua combatividade se destaca como a vanguarda das forças democráticas, dando o exemplo e indicando o caminho a seguir para se poderem ganhar novas e importantes batalhas.

Há quem considere a luta dos trabalhadores pelas suas reivindicações como à parte do grande movimento político democrático. Há mesmo aqueles que a consideram errada e inútil. A verdade, como o demonstram estas novas lutas que se estão a travar é que constitui uma das mais importantes frentes de combate contra a ditadura fascista, particularmente no momento actual.

Ao responder às legítimas reivindicações dos trabalhadores e dos estudantes com a violência, Marcelo Caetano retira definitivamente a máscara do "liberal" por que se queria fazer passar e mostra que as suas verdadeiras intenções eram e são continuar o salazarismo, minado por contradições, para além de Salazar.

Não é portanto, ficando de braços cruzados, como afirmam alguns, não é dividindo os demócratas, que se poderá conquistar a Liberdade e a Democracia.

Os fascistas nunca abandonarão o poder por sua livre vontade. A satisfação das reivindicações fundamentais do Povo Português, só pela luta pode ser alcançada.

**TRABALHADORES PORTUGUESES! DEMOCRATAS!**

É nosso dever manifestar a mais completa solidariedade aos operários em greve pelo pão e contra o fascismo.

Os Comitês de Ajuda à Luta do Povo Português ao tomarem conhecimento das grandes lutas que os trabalhadores estão a travar no nosso país, entre as várias iniciativas que tomaram para divulgar a sua luta, lançaram uma Campanha de Fundos para ajudar os grevistas e as suas famílias!

Que todos dêem a sua contribuição financeira para esta Campanha!

A vitória dos trabalhadores em greve também depende de nós!

Exijamos a satisfação imediata das reivindicações dos trabalhadores. Exijamos a Libertação imediata de todos os grevistas presos pela Pide! — Em cartas, telegramas e abaixo-assinados dirigidos a Marcelo Caetano.

**SERVIR POR TODAS AS FORMAS A LUTA NO INTERIOR** — é a palavra de ordem que deve unir, organizar e mobilizar todos os portugueses emigrados.

a) Os Comitês de Ajuda à Luta do Povo Português

## Livros

Os nossos leitores poderão adquirir as seguintes obras por nosso intermédio:

**Resistencia em Portugal** — Dias Coelho US\$ 1,50

**Portugal e o Fim do Ultracolonialismo** US\$ 1,50

**Angola Cinco Séculos de Exploração** US\$ 1,50

**A Questão Agrária em Portugal**

A. Cunhal US\$ 5,00

**Fátima** — Tomaz da Fonseca US\$ 1,00

Para tal, basta juntar ao pedido um cheque ou ordem bancária a favor de "Portugal Democrático" e no valor das obras pretendidas.



## Nolas e comentários

### Caetano e os E. Unidos

Todos os correspondentes da imprensa americana instalados em Lisboa estão de acordo em salientar que as relações entre os governos do sr. Marcelo Caetano e do sr. Richard Nixon são excelentes. Um desses jornalistas recorreu mesmo a uma imagem jocosa para exprimir o perfeito entendimento reinante: Lisboa e Washington vivem uma autêntica lua de mel.

Não seria justo atribuir os louros dessa terna reaproximação verificada ao nível dos governos — pois os grandes negócios entenderam-se sempre muito bem — ao novo presidente norte-americano. O autor da manobra diplomática foi o sucessor de Salazar. Antes mesmo do sr. Nixon entrar na Casa Branca já o sr. Caetano, auxiliado pelo seu ministro dos Negócios Estrangeiros, vinha desenvolvendo insistentes esforços para convencer os Estados-Unidos de que a sustentação política, militar e económica das guerras coloniais da Guiné, de Moçambique e de Angola constitui para a grande República uma necessidade estratégica. O povo americano tem a respeito do problema uma opinião totalmente diferente e, no próprio Senado e na Câmara dos Representantes, há espíritos progressistas que se revoltam à ideia de uma escalada em África que venha substituir a do Vietnã. Mas o desejo de paz da opinião pública e as denúncias isoladas não tiveram como era de esperar, força bastante para impedir o bom encaminhamento de um diálogo entre Lisboa e Washington que tem para nós, democratas portugueses, o significado de uma ameaça terrível.

No seu discurso de 27 de Novembro, dando seguimento a uma série de sugestões e comentários do titular da pasta dos Estrangeiros, o sr. Marcelo Caetano abordou pela primeira vez a delicada questão de uma internacionalização da guerra da Guiné. Desde então, a ideia da instalação de uma base naval da NATO (leia-se Estados-Unidos) em São Vicente tornou-se uma obsessão para o "liberalizante" chefe do governo português.

De defensiva que era no plano internacional, a estratégia do fascismo tornou-se, em poucas semanas, ofensiva. Em Washington, a campanha mistificadora desencadeada pela propaganda caetanista, encontra uma boa receptividade. Os generais e os almirantes portugueses mudaram de linguagem. Agora voltaram a falar em vitória militar iminente, aludem a um triunfo militar completo, inventam inclusive que não há em Angola área alguma ocupada pelas forças nacionalistas. A linguagem cheia evidentemente a mófo. Desenterra-se toda uma terminologia fantasma, desde a "pacificação" ao "último quarto de hora". Entretanto, não tenhamos ilusões, esses artificios se-

mânticos soam muito bem aos ouvidos de homens como o chefe do Departamento de Estado e o subsecretário da Defesa, o sr. David Packard, que é, assinala-se, o big boss da General Dynamics, empresa que só ao Pentagono vende mais de dois biliões de dólares por ano de armamentos variados.

A ideia da instalação de uma base aero-naval americana em Cabo Verde é decididamente uma ideia que agrada aos grupos e personalidades que se opõem à paz. É sintomático que o embaixador dos Estados Unidos em Portugal tenha acabado de visitar Cabo Verde e Bissau — terras onde jamais nenhum colega seu pusera os pés — no momento em que se anuncia o embarque de 10.000 novos soldados para a Guiné, a fim de "ganhar a guerra". Por outro lado, o comandante chefe das forças da NATO no sul da Europa ao passar, inesperadamente, pelo aeroporto da Portela, manteve ali uma demorada conferência com altas patentes daquela organização e das Forças Armadas Portuguesas. Esses jubilosamente comentados pela imprensa fascista portuguesa que os relaciona com as dificuldades existentes para a renovação dos acordos relativos às bases americanas em Espanha.

Abordando também o assunto em correspondência para o Brasil, o sr. Santana Mota, cujo servilismo em relação ao regime português é notório, escreve: "No lugar de Salazar está hoje Marcelo Caetano, que além de mais tolerante e generoso, não perde também de vista certas conveniências que em nada afectam, antes podem beneficiar o seu país. Por outro lado, os pendores mais liberais de Marcelo colocam os norte-americanos em situação melhor para quaisquer entendimentos com Portugal, sem incorrerem em críticas semelhantes às que o "Washington Post" parece estar disposto a fazer em relação a entendimentos semelhantes com a Espanha".

Gato escondido com o rabo de fora, diz o velho ditado...

O povo português, felizmente, não parece disposto a que os seus destinos sejam decididos de acordo com os interesses dos Caetanos e dos Francos Nogueira e em benefício dos negócios da General Dynamics e similares. A sua resposta ao envio de novas tropas para África é um aumento impressionante no número de deserções. Em todas as colónias é cada vez maior a percentagem de oficiais que "não merecem confiança" e a resistência contra a guerra generaliza-se. Por outro lado, a série impressionante de vitórias alcançadas pelos patriotas do PAIGC mostra que os mitos da "pacificação" encontram a resposta adequada por parte do heróico povo da Guiné.

Mais do que nunca os anti-fascistas portugueses e os patriotas africanos acham-se unidos na luta contra o inimigo comum. A campanha de Marcelo para conquistar o apoio ostensivo dos Estados Unidos importa ôpor outra aliçada na mobilização popular contra o fascismo — para

denunciar os seus sinistros planos e conquistar a solidariedade da opinião publica norte-americana e internacional para a causa dos que se batem contra o colonialismo português.

### A Guiné denuncia

As patrioteiradas hipócritas e farisaicas para esconder da opinião pública os crimes do colonialismo recebem hoje, em todos os níveis, em Portugal e no mundo, a resposta adequada. O sol não pode ser tapado com uma peneira. A inauguração do retrato de Eduardo Mondlane nos pátios da Faculdade de Direito, após o assassinio do presidente da FRELIMO, foi a melhor das réplicas às calúnias sobre o grande patriota divulgadas nas colunas da imprensa de Lisboa. Quanto aos benefícios do colonialismo português e ao carinho com que são tratadas as populações africanas de Angola, da Guiné e Moçambique existe hoje uma ampla documentação internacional, desmascarando os crimes monstruosos praticados nas três colónias. No momento em que, agitando freneticamente a bandeira da civilização cristã e ocidental em perigo, Marcelo Caetano faz esforços desesperados para a internacionalização da guerra da Guiné, o PAIGC acaba de editar um documento intitulado "Os crimes dos colonialistas portugueses em face da Declaração Universal dos Direitos do Homem" que vem, na altura mais oportuna, desmascarar as manobras do fascismo, constituindo-se em terrível líbelo contra o genocídio praticado contra a pequena nação africana.

Trata-se de uma declaração de Amílcar Cabral, secretário geral do PAIGC, feita perante a Comissão dos Direitos do Homem da ONU.

O nosso país, diz, era uma prisão, eramos todos prisioneiros. "É por isso — sublinha — que qualquer de nós pode falar em consciência, com conhecimento de causa, dos crimes cometidos pelos portugueses na nossa terra. Fomos capazes de nos rebelar na própria prisão e podemos declarar-vos aqui que, neste momento da nossa história, já libertamos algumas das células dessa prisão". Daí a imensa autoridade de Amílcar Cabral para revelar uma sucessão impressionante de crimes contra a humanidade cometidos pelos opressores do seu povo — um povo que antes da insurreição armada contava 99% de analfabetos. Os benefícios da colonização traduziam-se na existência de apenas 45 escolas primárias, com 2.000 alunos. Hoje só nas zonas liberadas há 157 escolas frequentadas por 15.000 alunos. Vitórias como essa do povo guineense custaram-lhe um pesado tributo em sangue. Mas a cegueira criminosa do militarismo colonialista é tamanha que se reflecte em documentos tão abjectos como a Circular n.º 3 do Alto-Comandante Português, referente aos prisioneiros. Da longa citação feita por Amílcar Cabral extraímos apenas esta passagem elucidativa: "Se não obtivermos de um combatente essas informações somos inca-

pazes, irresponsáveis. Oferece-se-lhe a oportunidade de falar espontaneamente. Se ele não o fizer, importa adoptar medidas mais eficazes, que possam convencê-lo a colaborar, e, depois, deve ser fuzilado, como a moral militar ordena que se faça a todo o combatente capturado que não seja identificado pelo uniforme". E a circular conclui: "Não é um problema de tortura, é um problema de eficácia".

É a um regime umbilicalmente ligado a uma cúpula militar que produz documentos como esse, a um regime, que usa o napalm no bombardeamento de aldeias indefesas e que se prepara para usar produtos tóxicos e desfolhantes na guerra total contra o povo da Guiné, é a um regime onde os militares assassinos são exaltados como eminentes patriotas, é a esse regime que as grandes potências do Ocidente continuam a fornecer os meios necessários à escalada militar.

Tem plena razão Amílcar Cabral quando pergunta no seu depoimento: "Como é que Portugal, um país subdesenvolvido, o mais atrasado da Europa, um país com mais de 40% de analfabetos, pode utilizar contra nós armas tão modernas, aviões a jacto, como os Fiat 91, os Sabres, bombardeiros como os B-26, os P2V, etc? Como pode Portugal dispor de tantos meios para julgar a nossa aspiração a fruir dos Direitos do Homem, se Portugal é um país incapaz de fabricar até mesmo os aviões de brinquedo para as suas crianças?"

Os dirigentes das potências que sustentam o esforço bélico do colonialismo português, jamais lerão o depoimento do secretário geral do PAIGC. Mas nem por isso ele deixa de reflectir com meridiana clareza a verdade sobre uma guerra monstruosa e esquecida. A verdade que os fascistas portugueses e os militaristas estrangeiros fingem ignorar.

### Endurecimento da Censura

Falar de endurecimento da Censura em Portugal é talvez uma impropriedade de linguagem, uma vez que o arrôcho à Imprensa não foi atenuado por quaisquer medidas oficiais, apesar das promessas feitas nesse sentido pelo sr. Marcelo Caetano. Mas diante da campanha mistificadora desenvolvida pela propaganda fascista — campanha que perturba e confunde ainda amplos sectores da classe média e até mesmo segmentos do campesinato — parece oportuno lembrar que a Censura está atravessando em Portugal uma fase de extremo rigor, comparável às piores do longo reinado de Salazar.

As promessas do sr. Marcelo Caetano esvairam-se em fumo. A vaga de reivindicações operárias e estudantis, embora seja o tema mais significativa na evolução da conjuntura portuguesa, é simplesmente eliminada do noticiário dos jornais. Oficialmente, os estudantes não traduzem o seu descontentamento em gestos de desafio, oficialmente, os católicos não leram o seu corajoso manifesto contra a Guerra colonial na presença do cardeal Cerejeira; oficialmente, os operários da

Ford e da General Motors nunca entraram em greve; oficialmente, os ferroviários não se acham em luta por melhores salários; oficialmente não há derrotas militares na Guiné nem deserções nos quartéis; oficialmente, Portugal é — paraíso.

A chamada "liberalização", no tocante à Censura, foi como a célebre resistência em Goa que nunca passou de um muito forjado pelo salazarismo. Em Portugal, substituído Salazar, Caetano permitiu que as secções de cartas dos leitores fôsem um pouco ampliadas e não se opôs a que determinados temas relacionados com o sexo ou a arte pudessem ser tratados com um mínimo de tolerância. Mas foi tudo. A "liberalização" principiou e acabou nas pequenas queixas e na descrição de curvas femininas ou na exegese do pensamento aristotélico. Nada mais.

De uma entrevista recente do sr. Caetano ao jornal brasileiro "O Estado de S. Paulo" (9/3/69) reproduzimos este pequeno trecho esclarecedor:

"Desejaria na verdade publicar em breve a Lei de Imprensa. Mas os trabalhos preparatórios, que começaram logo depois de tomar posse, estão ainda demorados. Não esqueça que vivemos 42 anos no regime de censura prévia. Nem jornalistas, nem empresas editoriais, nem governo, nem público estão preparados para um regime de responsabilidade perante os tribunais. Para ir criando condições mais propícias, a censura foi muito aliviada e reduzida a certos pontos essenciais. A Lei tem de ser muito pensada para não se abrir com a sua vigência um período de conflito geral da imprensa com as autoridades e com os particulares e para não termos depois de voltar atrás.

Por outro lado há os melindres resultantes de nos encontrarmos a sustentar operações militares em varias frentes. Referindo-me a esse fato, disse eu no discurso de posse: "Em tal situação de emergência há que continuar a pedir sacrifícios a todos inclusivamente nalgumas liberdades que se desejaria ver restauradas".

A transcrição é suficientemente clara para dispensar comentários.

### A "Amnistia" aos refratários

A imprensa fascista portuguesa tem exaltado em todos os tons o gesto de clemência praticado pelo Governo ao amnistiar os refractários. Entretanto, a longa lenga do "Diário da Manhã" e da "Voz" não conseguiu iludir ninguém.

Na realidade, não houve nada que possa assemelhar-se a uma amnistia. O Decreto-lei n.º 48 861 não foi ditado por quaisquer considerações de ordem humanitária. O objectivo do diploma fascista é puramente práctico, visando, a um fim determinado. As autoridades militares estavam e continuam alarmadas com a percentagem de refractários. Em 1967, de 70.000 jovens que deveriam comparecer perante as juntas de recrutamento, apenas o fizeram 56.000. Nada menos de 14.000 recusaram-se a prestar o serviço militar, percentagem nunca atingida em Portugal e que é cinco vezes (Continua na pag. 7)



# O Tremor de Terra deixou centenas de famílias em completa miséria

LISBOA, (Do Correspondente) — O tremor de terra do dia 28 de fevereiro, um dos mais violentos do século segundo as estações sismográficas de Lisboa e Coimbra, teve conseqüências muito mais graves do que as notícias publicadas na imprensa permitiam supôr.

O número de mortos oficialmente divulgado é de nove, havendo centenas de feridos, de Norte a Sul do País. Os estragos materiais, ao contrário do que anunciam as tranquilizadoras notas oficiais ascendem a centenas de milhões de escudos.

As autoridades, na tentativa de evitar que o povo se dê plenamente conta das omissões e erros cometidos e da irresponsabilidade com que agiram diante das conseqüências calamitosas do sismo, procuram desviar a atenção da opinião pública para os aspectos ligados ao pânico da população na madrugada de 28 e para os discursos demagógicos dos ministros que estão visitando as regiões mais atingidas. Mas esse esforço é inútil. A verdade não pode ser escondida, em face dos factos. Não será com palavras — diz-se alto e bom som nas ruas — que serão reconstruídas as povoações destruídas e não será com relatórios que o governo esconderá do povo a evidência de que o Hospital de São José estava em ruínas e só não desabou completamente por verdadeiro acaso.

## O ALGARVE SOFREU TERRIVELMENTE

O Algarve foi a Província mais atingida. A aldeia de Fontes de Louzeiros ficou praticamente destruída: apenas sobrou de pé uma casa. Na Fuzeta, nove entre cada dez edifícios sofreram estragos apreciáveis. Em Bensafrim desabaram nada menos de 50 casas. Em Castro Marim, o hospital ficou transformado num montão de destroços. Ruíram também numerosos edifícios em Tavira, Olhão, Loulé, Albufeira, Lagos, Vila do Bispo, Armação de Pêra e em dezenas de outras povoações menores. Na Praia da Rocha dois hotéis de luxo sofreram consideráveis danos.

Numa repetição do que se verificou há dois anos durante a grande inundação que atingiu a zona de Lisboa, o palavreado das autoridades oficiais não foi acompanhado de medidas práticas, o que revoltou profundamente a população. O sr. Caetano já visitou a Província, bem como o ministro das Obras Públicas, e o governador civil anda de um lado para outro, como um tonto. Mas quase nada se fez para auxiliar de um modo eficaz as vítimas. A situação torna-se assim dia a dia mais calamitosa, pois tem chovido torrencialmente e a água, infiltrando-se nas fendas provocadas pelo sismo, causa novos e irreparáveis estragos, deixando inabitáveis milhares de ca-

sas. Quatro dias após o tremor de terra, em Portimão, a simples trepidação do motor de um camião fez ruir um muro, ocasionando a morte do motorista.

## O HOSPITAL DE S. JOSÉ AMEAÇA RUIR

Os estragos causados no Hospital de São José foram tão consideráveis que centenas de doentes ali internados tiveram de ser imediatamente transferidos para outros hospitais. A maioria das alas do velho edifício ameaça desabar. O fato não surpreendeu, pois sabia-se há muito que as paredes mestras do Hospital e os telhados não ofereciam um mínimo de condições de segurança. Houve doentes cujo estado piorou acentuadamente, receando-se desenlaces fatais.

O sr. Marcelo Caetano, com o seu sorriso melífluo, já foi examinar os estragos, o que motivou comentários elogiosos do "Diário Popular", cuja adesão ao "liberalismo" caetanista está provocando uma repulsa generalizada entre as classes trabalhadoras.

"Um estilo de Governação: informar-se primeiro, para decidir depois" — escreveu a folha dirigida pelo sr. Martinho Nobre de Mello. Acontece apenas que o sr. Caetano não decidiu coisa alguma. Sugeriu apenas que o Hospital fosse arrasado em vez de reconstruído, argumentando que os terrenos valem muito dinheiro e seria mais fácil e barato construir outro nos terrenos da Quinta do Monte Coxo. A opinião tem interesse: mos-

tra até que ponto ficou transformado numa ruína o principal hospital de Lisboa.

O Mosteiro da Batalha sofreu também gravíssimos danos.

## RECRUTAS DA P. S. P. FERIDOS

Nas Caldas da Rainha verificou-se um desastre que poderia ter assumido as proporções de uma verdadeira catástrofe. O fato ocorreu no quartel de recrutas da Polícia de Segurança Pública. Aterrados com a oscilação das paredes do edifício, os recrutas, tomados de pânico, precipitaram-se para a rua descendo uma escada que se encontrava praticamente pôdre. Aconteceu o inevitável: vários de graus cederam e o corrimão desabou. Resultado: mais de 30 feridos, alguns dos quais tiveram de ficar internados no hospital.

Por todo o País, os prejuízos são elevadíssimos. No Pinhal Novo uma fábrica de cerâmica no vaolr de 2.500 contos, ficou inteiramente destruída; os seus 32 operários ficaram desempregados.

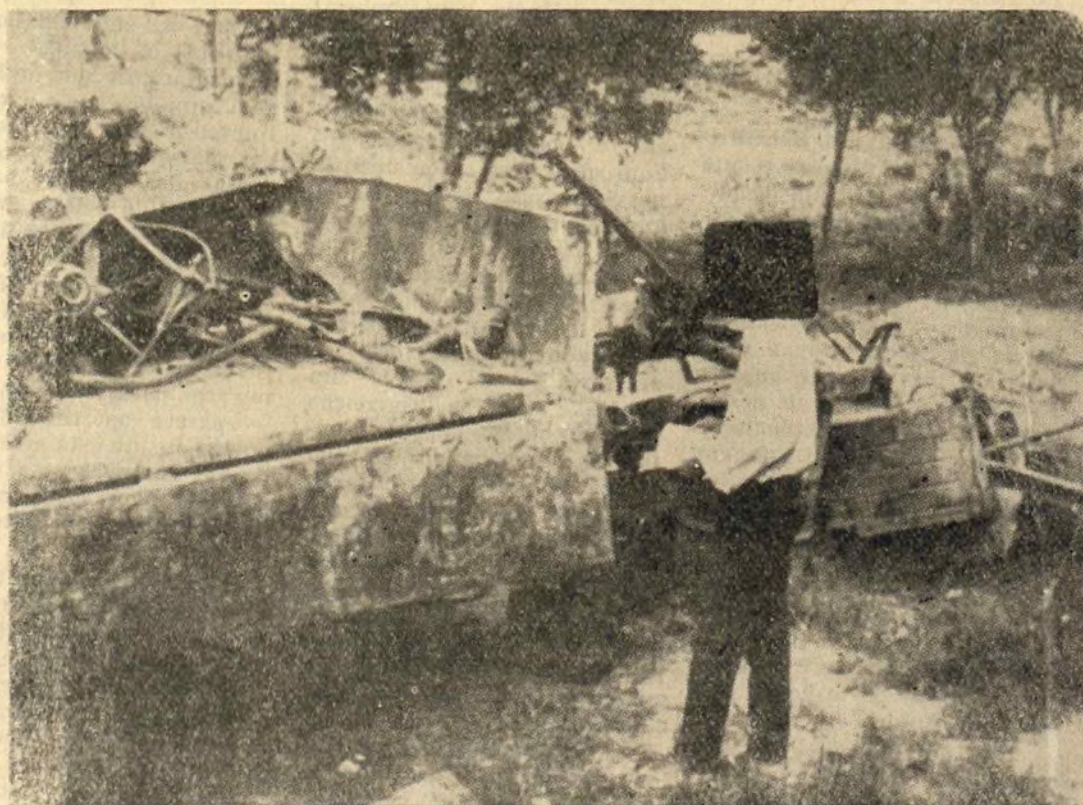
Como era de esperar, a Censura recebeu instruções para cortar todo o noticiário relativo a manifestações de protesto em face da incúria das autoridades e da sua indiferença perante a situação de desespero em que se acham milhares de famílias. Entretanto, circulam já, por todo o País, protestos. A indignação entre os estudantes de Lisboa é muito grande e as autoridades fascistas estão receosas dos desdobramentos práticos desse estado de espírito.

## Caetano visita Nixon

Nova York (Do correspondente) — A vinda do sr. Marcelo Caetano aos Estados Unidos, embora inesperada, não causou surpresa nos meios políticos. Os funerais do ex-presidente Eisenhower forneceram ao actual chefe da ditadura portuguesa o pretexto ideal para a troca de impressões com Richard Nixon que ele vinha desejando desde a posse do novo presidente norte-americano.

A viagem de Caetano é encarada pelos observadores sob dois aspectos. O primeiro é meramente propagandístico. O sucessor de Salazar, interessado em marcar bem a diferença de estilo e mentalidade que o separa do seu antecessor, quis demonstrar que é um estadista do presente, que não receia as viagens e o diálogo. Salazar, como se sabe, apenas saiu de Portugal — exceptuadas as visitas a cidades espanholas da fronteira — uma vez, quando jovem, para assistir a um congresso católico na Bélgica. Caetano faz questão de proceder de modo diverso. Interessa-lhe apresentar-se como político actualizado, como homem público do seu tempo. A solidão de Salazar, a sua inacessibilidade eram indissociáveis da imagem do ditador.

Mas havia algo que interessava muito mais a Caetano: expor pessoalmente a Nixon as suas concepções sobre a África e o papel que os Estados Unidos, segundo o fascismo e o colonialismo português, ali devem desempenhar. Segundo os jornais nenhum comunicado oficial foi publicado sobre o encontro que ambos mantiveram no dia 1 de Abril, na Casa Branca. Mas a imprensa, de acordo com informações colhidas nos meios de Washington mais chegados à Presidência, salienta que durante a breve entrevista foram apenas discutidos assuntos relacionados com a NATO. Tendo em vista a insistência com que o governo fascista de Lisboa vem manobrando na necessidade de estender a todo o Atlântico Sul a "proteção" do dispositivo militar da NATO não é difícil chegar à conclusão que o sr. Marcelo Caetano veio implorar, de viva voz, a Nixon a instalação em Cabo Verde da base aero-naval que encara como o primeiro passo para a internacionalização da guerra da Guiné, militarmente perdida para o exercito português.



## A GUERRA EM ANGOLA

A guerra de Angola não é apenas um sorvedouro de vidas. Cada ano que passa o seu custo é mais elevado, absorvendo presentemente milhões de contos. Na imagem vê-se um camião do Exército destruído pelo fogo de uma bazooka manejada por guerrilheiros do M.P.L.A. O Movimento dirigido pelo dr. Agostinho Neto luta presentemente em três frentes, numa área quase cinco vezes maior do que Portugal. Para defender os interesses de um pequeno numero de monopólios estrangeiros e nacionais, a juventude portuguesa é atirada para os campos de batalha africanos, o Exército vê-se envolvido numa campanha de genocídio e mais de 50% do orçamento nacional é investido nessa guerra criminoso.

## Centro Republicano Português

No dia 20 de Abril o Centro Republicano Português de São Paulo promoveu uma jornada de confraternização entre os seus sócios, organizando um piquenique numa das praias da Baixada Santista. Outras iniciativas semelhantes estão sendo programadas.

### OUÇA A RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Diariamente das 8 às 8,30 em 50 metros; das 20 às 20,30 e das 22,13 às 22,43 em 32 metros; e das 0,30 às 0,50 em 36,40 e 43 metros. Aos domingos das 13 às 13,30 em 19,20 e 26 metros.

### UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS



## O ESCÂNDALO DOS PASSAPORTES

# O Governo de Caetano repete os métodos do de Salazar

A máscara "liberalizante" de Marcelo Caetano está caindo aos pedaços. Sempre que, em relação a cada problema concreto, o novo Governo é forçado a definir-se, as promessas feitas são esquecidas e a verdadeira face do regime — obscurantista, policial e liberticida — exhibe-se à luz do dia.

A tão comentada afirmação do sucessor de Salazar de que não queria mais "ver os portugueses divididos entre si como inimigos" encontra, por exemplo, no procedimento do Governo para com os emigrados políticos um desmentido frontal. Não nos referimos já ao facto de que o sr. Caetano não suprimiu nem suprimirá a Censura, a fim de permitir o debate democrático em que acreditavam os ingénios. As actuais autoridades fascistas adoptam em relação aos elementos da emigração que figuravam na lista negra de Salazar, exactamente o mesmo procedimento do governo anterior: negam-lhes o direito de livre movimentação. Os consulados apenas lhes concedem passaporte válido exclusivamente para Portugal, isto é, bom para os presídios fascistas.

Organizações democráticas portuguesas do Brasil estão já tratando de levar ao conhecimento de entidades internacionais ligadas à defesa dos direitos da pessoa humana essa atitude do Governo de Lisboa, mostrando que a política do sr. Marcelo Caetano é, nesse terreno como noutros, exactamente igual à de Salazar.

"Portugal Democrático" que promoveu em 1967 uma campanha para denunciar o chamado escândalo dos passaportes, reabre hoje o "dossier", na certeza de que os núcleos da emigração democrática portuguesa espalhados pelo mundo, hoje como ontem, tomarão as iniciativas que a situação exige, responsabilizando internacionalmente o novo chefe da ditadura portuguesa pelo não cumprimento dos princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem suscrita pelo governo de Lisboa.

A entrevista que, abaixo, publicamos foi-nos dada pelo nosso companheiro de Redacção Miguel Urbano Rodrigues, a quem o Consulado de São Paulo, "por decisão do Governo português" acaba de conceder passaporte com "validade apenas para Portugal".

### O REQUERIMENTO E A RESPOSTA

P — Quando e em que circunstâncias, lhe foi novamente recusado o direito de viajar para qualquer país, excepto Portugal?

R — A resposta à pergunta está praticamente contida no requerimento que dirigi ao Consulado Geral de São Paulo, no dia 7 de Fevereiro. Creio, portanto, ser de interesse citar a íntegra desse documento, endereçado ao funcionário responsável pelo Consulado:

"Compareci nesse Consulado Geral no dia 26 de Dezembro p.p., a fim de solicitar um passaporte válido para vários países europeus e americanos. Contrariamente a outros cidadãos portugueses que me precederam, e obtiveram os respectivos passaportes sem quaisquer formalidades burocráticas demoradas, fui informado de que teria de apresentar um requerimento endereçado a V. Exa. e que a resposta só me seria comunicada decorrida uma semana. Essa resposta veio muito mais tarde e traduziu-se numa decisão discriminatória: o passaporte que me foi entregue hoje é válido exclusivamente para Portugal.

Encontrando-me inscrito nesse Consulado, tendo cumprido em devido tempo o Serviço Militar como oficial miliciano de Cavalaria, e estando no pleno exercício de todos os direitos que me são atribuí-

dos pela Constituição vigente, venho protestar junto de V. Exa. contra a discriminação de que fui vítima e solicitar se digne determinar-me seja entregue certidão do despacho (ou despachos) exarado no requerimento supracitado.

Peço deferimento  
Miguel Urbano Rodrigues

P — Obteve resposta a esse requerimento?

R — Sim. Com surpresa minha, o próprio original foi-me devolvido dias depois, acompanhado de recibo cuja cópia me havia sido entregue no acto de apresentação. O consul exarou o despacho dactilografando-o a vermelho nas entrelinhas do meu requerimento, à direita. Eis a resposta, datada de 15 de fevereiro:

"O passaporte requerido pelo interessado foi, por decisão do Governo português, concedido com validade apenas para Portugal nos termos do § 2.º do art. 29.º do Decreto n.º 46 748 de 15 de Dezembro de 1965, com o fundamento de que o requerente está abrangido pela alínea b) do mesmo artigo. Trata-se portanto de decisão funda-

mentada em disposição legal e tomada pela autoridade a quem a lei portuguesa confere tal atribuição. Nestas circunstâncias, não colhe a afirmação de que se trata de uma medida discriminatória (o sublinhado é nosso) pelo que o Consulado rejeita o protesto formulado no requerimento".

Luis Soares de Oliveira  
Consul Geral de Portugal  
P — Informaram-no do conteúdo do dispositivo legal invocado?

R — O próprio funcionário da secção de passaportes, a meu pedido, mostrou-me um manual de serviço que reproduzia o mencionado art.º 29.º do Decreto do governo fascista. Entre as várias restrições à concessão normal de passaportes consta a da alínea b). Ela, textualmente: **suspeitos de constituírem perigo para a ordem social estabelecida.**

Só efetivamente um governo fascista, como o do sr. Marcelo Caetano, pode recorrer a tal legislação para combater os seus adversários, ou, mais exactamente, para os tratar, na prática, como apátridas. Nenhuma jurisprudência

em qualquer Estado para o qual o Direito tenha algum valor dá acolhida à figura da suspeição como justificativa para prepotências do género de que me atingiu. Essa alínea b), além do mais, reflecte uma profunda estupidez. Se o governo de Lisboa considera determinado cidadão como um perigo potencial para a ordem social aí estabelecida, (isto é, o fascismo) a atitude lógica seria a inversa da adoptada: a recusa de passaporte para Portugal, em vista dessa hipotética periculosidade. O que não se entende é a restrição contrária, pois sendo vários os países que pretendia visitar e muito diferente o tipo de ordem social reinante neles, não vejo como possa o governo fascista de Lisboa prever a minha posição individual em face de cada caso específico. Sinto-me totalmente incompatível, isso sim, com a ordem social fascista. Mas, por um paradoxo, foi justamente para Portugal que me deram passaporte.

P — A participação pessoal do consul no episódio foi, assim, meramente burocrática?

R — É possível que seja essa a convicção do funcionário em causa, o qual se mostrou muito polido nos esclarecimentos que entendeu do seu dever prestar-me. Mas, por um escrúpulo de exactidão, eu empregaria de preferência, a palavra **colaborante** para definir a participação do consul geral.

E colaborante porque, nesse despacho revela até que ponto assimilou bem as lições da Política do Espírito do Estado Novo. Seria difícil fazer uma demonstração mais convincente da sua pouca infimidade com o idioma pátrio. Ao transformar a minha referência a uma decisão **discriminatória** em medida **discriminatória**, o chefe do Consulado de São Paulo confundiu tudo, inverteu os dados da questão. Como não cometi crime algum, não podia aludir a medidas **discriminatórias**. Quem me incrimina como suspeito potencial de ameaças terríveis contra ordens sociais variadíssimas e não nomeadas (as dos países que eu desejava visitar) é o Governo do sr. Caetano a quem o sr. consul serve zelosamente".

# O P. A. I. G. C. liberta três prisioneiros

Durante uma solenidade realizada em Dakar, no dia 19 de Dezembro p.p. o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde entregou à Cruz Vermelha Internacional três prisioneiros de guerra portugueses, demonstrando uma vez mais que não combate o povo português, mas o colonialismo português e que responde com generosidade e respeito pela dignidade da pessoa humana aos crimes monstruosos cometidos pelos militares, fascistas que na Guiné apresentam o governo do sr. Marcello Caetano.

Nessa oportunidade, o secretário geral do P.A.I.G.C., Amílcar Cabral, pronunciou a declaração que abaixo publicamos:

"Quando em março último pusemos em liberdade três prisioneiros de guerra portugueses, tivemos o cuidado de sublinhar o carácter normal e necessário do nosso gesto, de acordo com os princípios políticos e de humanismo que orientam a nossa luta. Ao repetirmos hoje esse gesto, com a entrega de mais três prisioneiros, corremos o risco de cair na rotina. Isso não retira, porém, à nossa iniciativa o seu carácter essencial de acto político.

Este acto tem lugar após a morte política de Salazar que, não tendo sabido viver o seu tempo, carrega sobre os ombros de moribundo a responsabilidade principal pelos crimes cometidos contra africanos e contra o seu próprio povo. Se é verdade que a morte política do ditador português não suscitou ilusões entre nós, porque o nosso povo e os nossos combatentes estão conscientes do facto de que lutamos contra o colonialismo português — o qual nunca confundimos com a política de um homem —, não é menos verdade que podem considerar-se possíveis modificações na política interna portuguesa, sobretudo no que respeita ao estilo de governo e à repressão. Com o tempo, essas modificações poderiam acentuar-se como consequência da pressão crescente de novos fenómenos

que têm e terão lugar na vida política portuguesa, condicionada e traumatizada pela guerra colonial, e da necessidade da afirmação progressiva da personalidade do novo Presidente do Conselho. Nesta perspectiva, há quem pense que o Dr. Marcelo Caetano, menos velho que o seu predecessor, mais permeável às realidades históricas do nosso tempo, chegará a compreender o carácter irreversível da nossa luta de libertação e a fatalidade do acesso do nosso povo africano à independência nacional, unica saída possível para a guerra que nos impôs o colonialismo português.

No discurso pronunciado, a 27 de novembro último, perante a Assembleia Nacional portuguesa, o novo Presidente do Conselho soube dar um relevo especial à situação desesperada da guerra colonial na nossa terra. Ao fazê-lo, não só prestou uma homenagem indirecta ao nosso povo e ao nosso Partido, cujo prestígio ficou, assim, reforçado no plano internacional, mas deu provas de uma consciência aguda das realidades. O recurso a afirmações de tipo salazarista e à exaltação patrioteira, assim como a evocação dramatizada do espantoso da "subversão comunista", não chegam a limitar significativamente o alcance do discurso, e poderiam até explicar-se pela pre-

mente necessidade de acalmar os ultras e de moderar a acção dos portugueses de todas as camadas sociais que, nomeadamente entre a juventude e os estudantes têm a coragem de manifestar a sua hostilidade à guerra colonial. Ao proclamar a decisão de manter o nosso povo sob o jugo colonial "a qualquer preço", o Chefe do Governo português fingiu não saber que, além de perdas enormes e irreparáveis em vidas portuguesas e em material, o pier dos preços consistirá em o nosso povo varrer da nossa terra toda a espécie de presença portuguesa, por esta se tornada demasiado marcada pelos crimes da guerra colonial e pelas tentativas de genocídio das nossas populações. O melhor dos preços consiste em ser realista, enfrentar corajosamente os abutres da guerra colonial e obedecer às exigências da História: negociar com o nosso Partido o acesso à independência do nosso povo, já soberano em mais de dois terços do território, nacional e preservar, assim, as possibilidades de uma cooperação útil aos nossos países.

Neste momento, em que estamos a intensificar o nosso combate em todas as frentes, inflingindo novas e mais pesadas derrotas as tropas coloniais, a libertação destes três prisioneiros de guerra é, se necessário, mais uma prova da nossa soberania e da nossa independência de pensamento e de acção. O Governo colonial português e os seus aliados, dos quais depende de maneira decisiva a continuação da guerra criminosa contra o nosso povo, de modo nenhum podem ignorar que se tomamos a decisão de combater e de aceitar todos os

sacrifícios pela independência do nosso povo — do qual somos os dirigentes — não foi, com certeza, para oferecer o nosso país ou as nossas Ilhas a outras potências estrangeiras.

A poucos dias da grande festa universal da família, não faltará quem veja no nosso gesto um acto de caridade cristã. Que esses mesmos possam, de acordo com a História, concluir que o nosso povo, composto de animistas, islamizados e cristãos, não tem necessidade da presença da colonial portuguesa para dar provas de civilização e de consciência das suas responsabilidades.

Ao entregar estes jovens portugueses às suas famílias, neste fim de ano em que, não sem angústia, a Humanidade continua a interrogar-se perante as ameaças imperialistas à paz e à segurança internacional, eles são testemunhas da nossa confiança no futuro e portadores dos nossos votos de liberdade para o povo de Portugal, de progresso e felicidade para todos os povos.

### IDENTIDADES DOS PRISIONEIROS

— Soldado 51525/66, João da Costa Sousa, da Companhia 1690, aquartelada em Geba, feito prisioneiro no dia 10 de abril, em Canta Cunda.

— Soldado 25295/65, Manuel Ferreira, da Companhia 1612, aquartelada em Buba, capturado a 20 de maio passado, no decurso de uma emboscada na estrada Kebo/Wane.

— Soldado 35655/66, Augusto Dias. Idem.



## Pela amnistia e contra a repressão

# Jornada de solidariedade aos presos políticos portugueses

Por motivo da passagem do 31 de janeiro, que marca o aniversário da revolução republicana ocorrida em 1891, o Comité para a Defesa das Liberdades em Portugal, com sede em Paris, dirigiu aos presos políticos a seguinte mensagem:

"Queridos Amigos e Compatriotas,

As ilusões criadas, aqui ou ali, pela demagogia das manobras de divisão do governo de Marcelo Caetano, não tardarão a desfazer-se. A hora de Libertação chegará pela acção unida de todos os Democratas, apoiados no povo e ao lado do povo, com o pensamento na Pátria; uma pátria livre de todos os que pretendem prolongar o seu cativeiro e a sua sujeição a interesses estranhos.

O vosso sofrimento, amigos, as torturas e as arbitrariedades a que sois submetidos pela acção criminosa da PIDE, e por todos os sicários do fascismo são para nós motivos para prosseguir, sem desfalecimento, uma acção em que procuramos interessar, cada vez mais, a grande maioria dos portugueses.

Contaí connosco, amigos, que tudo faremos pela vossa libertação e para ajudar a luta do povo português.

Com entusiasmo e com o pensamento em vós, aceitai queridos amigos, as mais fraternais e calorosas saudações."

O texto desta mensagem, bem como dos dois telegramas adiante referidos, foi aprovado durante a comemoração do 31 de janeiro realizada em Pantin, Paris, com a presença de várias centenas de portugueses. No ato fizeram uso da palavra o Dr. Ramos da Costa, o advogado Alvaro Mateus e Tomás Ferreira Rato. O Prof. Ruy Luis Gomes de passagem por Paris enviou uma saudação que foi lida e calorosamente aplaudida pela assistência.

**Telegrama a Marcelo Caetano**

Ao presidente do Conselho foi enviado o seguinte telegrama: "Democratas portugueses reunidos em Paris reclamam a libertação de todos os presos políticos, o regresso ao país daqueles que se encontram forçadamente no exílio e a restauração integral das liberdades públicas".

## Liberdade para Eduardo Cruzeiro

Em favor do artista plástico Eduardo Cruzeiro, que, conforme noticiámos em edição anterior, se encontra detido na Espanha e ameaçado de ser entregue à PIDE, o Comité para a Defesa das Liberdades em Portugal enviou, também, às autoridades espanholas telegrama nos seguintes termos: "Centenas de democratas portugueses reunidos em Paris pedem a libertação imediata do democrata lusitano Eduardo Cruzeiro".

## Onde os PIDES moram

Almerindo Bento de Lemos, rua de Recarei, 381, empregado na fábrica de tintas Barbot, no Porto, trabalha para a PIDE. É bufo muito activo, fazendo inclusivé serviços noturnos e de fronteira. Devido aos "bons serviços" prestados, é provável que mais mês me-

nos mês passe a agente efetivo da referida PIDE. Cuidado com ele!

Silvio da Costa Mortágua, outro pide, mudou-se para a rua Olivença, a Moscavide, n.º 48 — 6.º (arranha-céus junto à farmácia e ao pilar).

Laurinda Rocha Simas, mora na Calçada do Tojal, 40 — 2.º dto. (a Benfica). O seu telefone é o 702407. Faz parte duma família de pides e pertence às brigadas externas de J. Gonçalves, ex-guarda prisional de Caxias. É preciso estar alerta contra as ignóbeis atividades destes elementos e denunciá-los ao povo.

## Repressão metódica

Em algumas escolas secundárias foi comunicado ao conselho escolar que passará a existir um professor encarregado de organizar um "ficheiro particular de cada aluno, para uso da Direção, com

fins "não estritamente pedagógicos". Pelo "servicinho extra" o professor-pide receberá suplemento de 800\$00 mensais.

Os ferroviários que mais se destacaram durante as jornadas reivindicatórias de dezembro-janeiro estão a ser vítimas de verdadeira caçada por parte da PIDE, estando muitos já presos. A situação exige amplo movimento de solidariedade a favor dos mesmos, tanto no plano nacional como internacional.

### RÁDIO VOZ DA LIBERDADE

Ouçã a emissora da Frente Patriótica de Libertação Nacional às quartas e sábados, a partir das 01.15 (hora de Portugal) em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e médias de 230 e 320 metros

UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS

## A F. P. L. N. perante o assassinio de Mondlane

Ao tomar conhecimento do assassinio de Eduardo Mondlane, a Junta Revolucionária Portuguesa da F. P. L. N. emitiu, em Argel, o comunicado que abaixo publicamos:

"A morte do presidente Eduardo Mondlane, nosso amigo e companheiro de luta, não é apenas um crime cometido contra um grande dirigente africano, mas também um crime contra o Povo de Moçambique, contra os movimentos de libertação nacional, contra todos os povos africanos e contra todas as forças da Frente Mundial anti-imperialista.

Nós, militantes antifascistas e anticolonialistas portugueses, denunciámos esse crime dos imperialistas que, tudo leva a crer, foi cometido com a colaboração da PIDE e que representa um novo atentado contra os povos africanos na luta pela sua independência. Aquêles que armaram a mão do assassino quiseram destruir o que já não pode ser destruído. A obra de Eduardo Mondlane transcende a sua vida física. Essa obra é a FRELIMO. Essa obra é o povo de Moçambique em armas, um movimento em marcha, uma organização sólida no interior de Moçambique, milhares e milhares de combatentes unidos e organizados sob a direção da FRELIMO. Estamos certos de que o ideal que Mondlane soube transformar em força material renascerá ainda com mais força no coração de cada combatente da FRELIMO, no coração de todo o povo de Moçambique, assim como na luta de cada povo em todos os continentes. Como Patrice Lumumba, como Ben Barka, Eduardo Mondlane tornou-se um símbolo para toda a África, para todos os povos em luta.

A FRELIMO perdeu o seu presidente. Nós, militantes antifascistas e anticolonialistas da FRENTE PATRIÓTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

de Portugal, perdemos um amigo, pois Eduardo Mondlane, que deu a sua vida pela causa da independência de Moçambique, era um amigo do Povo Português e nunca confundiu o colonialismo português com o povo de Portugal.

Ainda recentemente, em Kartum, durante a Conferência de Solidariedade aos povos das colónias portuguesas e da África Austral, havíamos tido oportunidade de reforçar os nossos laços, a nossa amizade e a nossa fraternidade de combate. Mondlane permanecerá sempre connosco, estará sempre presente na luta do seu povo e na luta do nosso povo, estará presente no dia da nossa vitória contra o fascismo e o colonialismo, viverá eternamente no coração de cada povo e de cada combatente da liberdade".

## A FRELIMO AGRADECE

Em resposta à mensagem que lhe enviámos por motivo do assassinio do seu presidente, a FRELIMO dirigiu ao Comité de Redação de nosso Jornal a seguinte carta:

"Caros amigos, Tomamos a liberdade de vos comunicar os nossos mais sinceros agradecimentos pelas expressões de condolência e de simpatia de que fomos alvo por ocasião desta dolorosa e triste etapa da nossa luta pela independência nacional, em que foi barbaramente assassinado o nosso mui querido e respeitado presidente, dr. Eduardo Mondlane.

Inspirados e guiados pela memória do nosso presidente, que foi um genuíno lutador pela liberdade e pela independência da sua Pátria, nós, Moçambicanos, sob o estandarte da FRELIMO, continuaremos a nossa luta até que a Pátria seja livre do colonialismo português e agressor".

As nossas saudações Miguel A. Murupa, pelo presidente em exercício.

# O argumento final: P. I. D. E.

LISBOA, 21 — "Estamos todos um pouco nervosos", disse Mário Soares, o advogado social-democrata, às primeiras horas da manhã de quinta-feira, em meio a um debate político particularmente turbulento. "Mas, ante a incerteza de que possamos voltar a reunir-nos proponho que prossigamos".

Soares, que regressou recentemente do exílio, onde fôra confinado por sua oposição ao regime, falava numa fábrica de papel para cigarros em Lisboa. Seiscentos estudantes, trabalhadores, intelectuais e outros membros da oposição haviam-se reunido no sótão da fábrica para ouvi-lo.

Lá fora, um grupo de cerca de 100 pessoas que não conseguira lugar batia nas portas, cantando e exigindo aos gritos que permitissem sua entrada ou que, então, a reunião fosse adiada.

Foi essa a primeira vez em muitos anos que se realizou em Lisboa um debate de crítica à política governamental numa sessão publicamente anunciada. O curso contraditório da noite, em que se alternaram repressões e tolerâncias por parte das autoridades, e divisões entre os próprios participantes, refletia as atuais incertezas da vida política portuguesa. Uma ditadura — a de António de Oliveira Salazar — está desaparecendo. Mas ainda não se sabe se seu sucessor, o primeiro ministro Marcello Caetano, está iniciando um novo ciclo.

A reunião de quinta-feira devia ser a última de uma série de três debates sobre os problemas do país. A série foi organizada pelo Centro Nacional de Cultura, associação originalmente monarquista, hoje dirigida por católicos liberais.

Nas duas sessões anteriores, uma versando sobre economia e a outra sobre cultura, a entrada foi franca e grande número de pessoas compareceu. Quarta-feira à noite, público ainda mais numeroso se aglomerou diante do auditório da Escola de Belas-Artes para assistir aos debates finais — a respeito de problemas políticos — e encontrou um aviso na porta, informando que a reunião fôra cancelada.

Nessa noite, segundo os organizadores, o público foi informado de que a Escola de Belas-Artes sofrera pressões oficiais para cancelar a reunião, tendo os organizadores procurado, infrutiferamente, conseguir outro local para realizar os debates.

Enquanto o presidente do Centro, José Galvão Teles, se desculpava perante a multidão, Ruy Peixoto, um homem de negócios, ofereceu a fábrica de papel para cigarros por ele dirigida.

Uma hora mais tarde, com o sótão superlotado, com Peixoto pedindo preoccupiedamente aos presentes que não fumassem e com a multidão que começava a juntar-se lá fora batendo nas portas e gritando, começou a sessão.

Soares fez uma longa análise do regime, que denominou de "dinossauro histórico", argumentando que ele carecia de força ideológica e política

e que se mantinha no poder pela força policial, mantendo "baronatos" econômicos para sustentá-lo.

Diversos oradores sucederam-se no ataque à política portuguesa em Angola, Moçambique e Guiné, exigindo autodeterminação para as possessões africanas de Portugal.

Teria sido impossível, no passado, fazer discursos como esses em público. Em vista das pressões sofridas pela Escola de Belas-Artes, ninguém tinha certeza de que a reunião seria tolerada e alguns dos organizadores mostravam-se pouco tranquilos.

O que interrompeu a reunião, no entanto, não foi a polícia, mas a multidão, que se encontrava lá fora, a qual enviou uma delegação que entrou em dura discussão com os oradores da mesa. Após meia hora de argumentação, os organizadores concordaram em encerrar a reunião e procurar marcar uma nova sessão para mais tarde.

Sómente depois que a multidão se retirou é que surgiu a polícia. Os policiais fardados começaram a dispersar os remanescentes na rua, enquanto dois homens à paisana subiam para interrogar Peixoto.

Na noite de quinta-feira, contudo, a polícia usou de maior violência. Um grupo de 200 pessoas aglomerava-se novamente às portas da Escola de Belas-Artes, procurando saber onde seria realizada a nova reunião. Um homem em trajes civis ordenou ao grupo que se dispersasse, e quando alguém na multidão lhe perguntou quem era, o homem ordenou aos policiais uniformizados que o prendessem.

A seguir a polícia dispersou a multidão, espancando várias pessoas com bastões. Entre elas estava a jornalista Marviline Howe, correspondente do "New York Times" em Portugal, que foi ferida nas costas pelas pancadas.

(Richard Eder, in "New York Times" e "O Estado de S. Paulo" 21 de Março de 1969).

N. da R. — Sobre os importantes acontecimentos registrados em Lisboa nos dias 19 e 20 de Março, as agências noticiosas internacionais transmitiram para o Exterior apenas breves telegramas. Transcrevemos por isso a correspondência de Richard Eder, enviada para o "New York Times", embora várias passagens da mesma sejam bastante confusas, prestando-se a várias interpretações. Aliás, refletindo a política anti-unitária de certas correntes da Oposição liberal, um telegrama da France Press, de Lisboa, informava no dia 22 que o grupo da Acção Democrato-Social divulgara um manifesto definindo a sua posição perante as "eleições". Esse documento, que tinha como primeiro signatário o eng. Cunha Leal, preconizava uma posição que sempre condenamos, por favorecer o adversário: o boicote das "eleições", isto é a recusa do aproveitamento de todas gumentando que ele carecia recidas pelo processo eleitoral.



# Notas e Comentários...

# PEQUENAS NOTÍCIAS

(Continuação da pág. 3)

superior à verificada nos Estados- Unidos, onde o facto constituiu motivo de tremendas preocupações para o Pentágono. A explicação é simples: a juventude portuguesa recusa-se a ir para Africa, a participar de uma guerra monstruosa.

A expressão popular de que a montanha pariu um rato tem cabimento em relação ao tão falado Decreto Lei n.º 48 861. Na esperança de obter homens para as fileiras, o Governo vem a publico explicar que não sofrerão quaisquer penas os elementos que, não se tendo apresentado às respectivas Juntas de Recrutamento, cumpram agora determinadas formalidades "expressando o desejo de regularizar a sua situação militar". Em outras palavras, os refractários que acorrerem ao engodo terão de cumprir o serviço militar. Ora, tudo leva a crer que a esmagadora maioria dos jovens que não se apresentaram na data prevista pela Lei têm hoje as mesmíssimas razões de então para não vestir a farda. Não querem ver-se envolvidos na guerra colonial!

## Ontem como hoje

Foi ainda no Consulado de Salazar que Maurice Béjart, figura mundialmente conhecida no mundo do "ballet", foi expulso de Portugal, depois de algumas representações da sua companhia em Lisboa. Recentemente, em entrevista à revista francesa Le Nouvel Observateur, Maurice Béjart conta o que lhe aconteceu no paraíso salazarista. Transcrevamos as suas declarações. "No final de uma representação em Lisboa — estávamos no dia do assassinio de Bob Kennedy — declarei no palco: Robert Kennedy morreu hoje, vítima da violência e do fascismo internacional. Peço um minuto de silêncio pela luta dos povos contra o fascismo. No dia seguinte de manhã, na entrada do hotel em que estava insta-

lado com a companhia, dois polícias em traje civil abordaram-me:

Suba ao seu quarto. E nada de conversa. Nós precisamos de falar consigo.

Na véspera, várias pessoas me tinham prevenido:

Não saia só à rua, não fique só com a polícia, etc.

Perante estes avisos, respondi aos polícias:

Falemos aqui mesmo: e ao mesmo tempo consegui dizer a um elemento da companhia:

Junta o maior número possível de membros da companhia, e previne a Embaixada,

Temia, na verdade, ficando só com os polícias, acabar por ser espancado, raptado pela porta de serviço do hotel, e vir a aparecer algumas horas depois não se sabe em que estado, num recanto de um bosque qualquer. Os membros da companhia chegam, mas juntamente com eles chegam mais polícias. Uns momentos passados e havia na entrada do hotel, uns quarenta membros da companhia e cerca de uma dúzia de polícias. Precipitei-me numa cabine telefónica para tentar falar com a Embaixada. Um polícia parte o vidro da cabine e desliga o telefone. Tentaram então levar-me à força. Os membros da companhia impediram-no ruidosamente. Num dado momento ouvi um tiro. Uma mulher gritou. Tudo isto permitiu-nos ganhar tempo. E finalmente o adido cultural da Embaixada da Bélgica chegou, e acompanhou-me à polícia, onde me comunicaram a ordem de expulsão. Devo precisar que a Embaixada de França não tugi nem mugiu. Depois de me comunicarem a ordem de expulsão levaram-me a toda a velocidade num carro celular. Felizmente o adido cultural da Bélgica seguiu-me de automóvel. A polícia queria, com toda a evidência, largar-me à meia-noite, sem um centavo, na fronteira espanhola, com o carimbo expulso no passaporte, para que os espanhóis me metessem na cadeia. Felizmente, na fronteira, o adido cultural da Bélgica fez-me entrar no seu carro e levou-me até Madrid, onde tomei um avião para Bruxelas".

Era assim no consulado de Salazar. E no consulado do

antigo "delfim", Marcelo Caetano? Nada mudou.

Jean-Marie Domenach, intelectual francês de reputação mundial, diretor da revista católica Esprit, acedendo a um convite para proferir uma série de conferências nas Universidades de Lisboa, Porto, e Coimbra, sobre a crise estudantil francesa do passado mês de maio, apresentou-se recentemente no aeroporto da Portela de Sacavem, em Lisboa. A P. I. D. E. esperava-o, detendo-o e expulsando-o acto contínuo. Os estudantes que o aguardavam realizaram uma vibrante manifestação contra este ato de intolerância e de violência. Foram centenas de estudantes que mais uma vez dando um magnífico portuguêses, elevaram a voz exemplo a todos os democratas contra a política fascista do Governo.

Limitemos o nosso comentário, a perguntar: Qual a diferença entre a expulsão de Maurice Béjart e a de Jean-Marie Domenach? E em consequência. Qual a diferença entre o Consulado de Salazar e o de Marcelo Caetano?

## O episódio Kavandame

No momento de fecharmos esta edição do nosso jornal, acha-se em pleno desenvolvimento a Campanha de Propaganda desencadeada pelo fascismo português com a colaboração de algumas agências noticiosas, para mistificar a opinião publica internacional, a propósito da entrega às autoridades militares de Moçambique do chefe Makonde Lázaro Kavandame com 718 guerrilheiros, número transformado pela United Press em 60.000!

Ocupar-nos-emos desse lamentável episódio no próximo número, mas cabe desde já esclarecer que as operações militares da FRELIMO são dirigidas pelo comandante Samora Machel, sendo de assinalar que Kavandame havia sido suspenso do seu cargo político há três meses pelo que a sua "rendição" não tem de modo nenhum a importância que o colonialismo português e os seus aliados pretendem atribuir-lhe.

\* Por decreto lei assinado pelo sr. Marcelo Caetano, o governo foi autorizado a contrair encargos até ao montante de dois biliões de escudos (dois milhões de contos portugueses) para "reequipamento extraordinário do Exército e da Aeronautica". Isto no país de mais baixa renda per capita da Europa.

\* Na Guiné, a indignação nos quartéis continua aumentando desde a morte de 47 militares no "naufrágio de uma jangada" no dia 6 de Fevereiro. A explicação oficial de que houve "deficiência na utilização da jangada" revoltou ainda mais a tropa, já de si desmoralizada pelo seu envolvimento numa guerra criminosa... e perdida.

\* Saudando o ministro da Defesa, em solenidade realizada em Lisboa, o adido militar americano, coronel Le Roy Nigra, fez o elogio do militarismo português.

\* A Carris de Lisboa aumentou as tarifas dos autocarros e electricos. As passagens custam agora mais cinco tostões.

\* A recém-criada Universidade de Lourenço Marques vai conceder o título de Doutor Honoris Causa ao sr. Marcelo Caetano. O comunicado da Rectoria, alega na justificativa que o homenageado se tornou "inegavelmente um dos mais válidos doutrinadores do pensamento ultramarino português".

\* O general Kaulza de Arriaga, presidente da Junta Portuguesa de Energia Nuclear e conhecido ultra, acaba de visitar a Republica da Africa do Sul.

\* Ao inaugurar os trabalhos do Conselho Presbiterial, o cardeal Cerejeira, numa critica frontal aos católicos progressistas proferiu as seguintes palavras: "Num grito de alma, apelamos para que o nosso presbitério, fiel e estreitamente unido ao seu bispo, sem o qual não tem existência, faça nascer o Senhor no meio de nós, de tal sorte que os fiéis vejam na Igreja não a nós, mas a Ele. Tudo o que destrói esta unidade, destrói a Cristo, na forte expressão da sua palavra — mente".

\* O fascista Castro Fernandes foi eleito segundo vice-presidente da "Assembleia Nacional".

\* A par do Estoril e do Funchal, o Algarve passa a ser zona de jogo permanente. Na Figueira da Foz, em Espinho e na Póvoa haverá jogo apenas seis meses por ano. \* No salão de festas de Pantin, em França, realizou-se uma sessão comemorativa do Dia Internacional da Mulher (8 de Março), com a participação de uma delegação de mulheres democratas portuguesas.

\* O bispo de Madarsuma, actual capelão-chefe das Forças Armadas portuguesas está visitando e abençoando, as unidades do exercito colonialista que, em Moçambique, combatem a FRELIMO e massacram populações de aldeias indefesas.

\* O neurologista americano Houston acaba de ser condecorado com a Ordem de Santiago da Espada pelo Governo de Lisboa. Comentando o facto, o jornal "Mundo Português" escreve: "Foi em consequência do seu prognóstico, que logo se cuidou de nomear Marcela Caetano para a chefia do Governo".

● Adriano Moreira, equilibrista consumado, critica em seu livro "O tempo dos outros" aquilo a que chama a corrente e monótona insistência oficial e oficiosa sobre as glórias do seculo XVI. Por virtuosos repetindo essa verdade evidente, o menos que recebemos dos colegas e amigos do sr. Adriano Moreira é o epíteto de traidores...

● É cada vez maior o numero de portugueses, na faixa compreendida entre os 20 e os 40 anos, que estão voltando para Portugal depois de alguns anos de permanência no Brasil. Os jornais que no Rio refletem as opiniões da Embaixada salazarista têm dedicado ao assunto vários comentários.

● De um dia para o outro, as altas personalidades fascistas, que atacavam indiscriminadamente a Oposição, como ninho de víboras, mudaram de linguagem. Agora os opositores sinceros e bem intencionados passaram a merecer o respeito dos pintos da ninhada salazarista. Estranha linguagem, cujos intuitos divisionistas são claros, mas saberão encontrar a resposta adequada.

● Segundo o «Neus Deutschlands», o embaixador de Bonn em Portugal, sr. Muller Roschach, foi aconselhado pelo proprio ministro dos Estrangeiros da Republica Federal a tomar umas férias prolongadas, para tratamento de saúde, na Suíça. O motivo dessa cura está relacionado com um escândalo que vem ocupando as páginas da imprensa alemã. O embaixador germano-occidental em Lisboa é um ex-nazi contra o qual existem numerosas queixas que estão sendo averiguadas pela justiça alemã... Era bem o homem indicado para o posto que ocupava!

● Segundo a última estatística oficial divulgada pelo «Mundo Português», portavoza solicito do governo fascista de Lisboa, a população liceal de Moçambique é presentemente de 5.199 alunos. Em outras palavras, tendo Moçambique quase 7 000 000 de habitantes, confirma-se oficialmente que entre cada 1350 pessoas apenas uma frequenta o ensino liceal. Frutos de cinco seculos de colonização...

● Os Estados- Unidos forneceram todo o equipamento necessário para que o novo escoltador «Almirante Magalhães Correias», agora incorporado à Esquadra portuguesa, esteja em condições de operar com eficiência na defesa de suas rotas marítimas, segundo palavras do novo ministro da Marinha.

● Falando no encerramento do Congresso Europeu de Documentação, realizado no Algarve, o vice presidente do Parlamento da Alemanha Occidental, sr. Richard Jaeger, definiu Salazar como «o grande construtor do Portugal moderno e congratulou-se com o papel que o nosso país desempenha na OTAN.

## PORTUGAL DEMOCRATICO

DIRETOR RESPONSÁVEL  
Otávio Martins de Moura

R. DE JANEIRO: Praça Floriano, 19 - 1.º - Tel.: 22-5686

REPRESENTANTES

RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva

— Rua Real da Torre, 819 — 1.º

CURITIBA: Antonio Serpa —

Rua Dr. Muriel, 712

LONDRINA: Juao Duarte —

Edifício Centro Comercial —

Apto. 141

PELOTAS: Heltor M. Bandeira —

Rua 7 de Setembro, 312 —

Pelotas — Rio Grande do Sul

INGLATERRA: Portuguese And

Colonial Bulletin — 10 Pentiman

Road, London, S.W. 8

BRUXELAS: Mercedes Guerreiro —

107, rue Valaanderenstraat —

Valaanderenstraat — Belgique

HOLANDA: ANGOLA COMITE —

Vinkenstraat 13 — Amsterdam — C.

CANADA: Portuguese Canadian

Democratic Association 357 1/2

College St Box 153 Station

B — Toronto 2 B — Ontário

A. dos Santos

7564 d'Outremont Ave. — Apt. 1

Montreal 15, P.Q.

VENEZUELA: Junta Patriótica

Portuguesa — Apartado 8287 —

Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica

Portuguesa del Uruguay Casilla de

Correo n.º 2.128 — Distrito 5 —

Montevideo

CHECOSLOVAQUIA: João Ribeiro —

Postovní Urad/Jindřická UL.

C.14 Schránka 646 — Praha 1

Tchecoslovaquia

FRANÇA: Grupo de Amigos de

«Portugal Democráticos» — 2, Place François

Villon — Escalier E — La Cour

veneuve — Selne — França

REDAÇÃO:

Rua Líbero Badaró n.º 488 —

5.º and. sala 50 — Tel.: 37-0933

— São Paulo

Caixa Postal 6248

Composto na

Editora ESCRITOS Limitada

Rua Almeida Torres, 119 — S. P.

EXPEDIENTE:

Dias úteis: das 19 às 22 horas

Sábados: das 15 às 19 horas

Número avulso ..... NC:\$ 0,30

Assinatura anual ..... NC:\$ 5,00

ANO XII — N. 139 — ABRIL 1969

Os artigos assinados traduzem apenas

a opinião de seus autores, sendo por

consequente de sua exclusiva

responsabilidade.



agência TRIÂNGULO de seguros s.a.

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BRAULIO GOMES 107 - 4.º andar - conjunto 42

Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCÊNDIO

SEGUROS EM GERAL

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

SÃO PAULO





Um plenário durante a greve geral na Universidade de Lisboa. Imagens como esta constituem o melhor desmentido à propaganda fascista quando procura esconder a profundidade da revolta estudantil.

## ULTIMA HORA

# Marcelo Caetano muda homens do seu governo

LISBOA (Do Correspondente) — A remodelação ministerial dos dias 26 e 27 de março foi recebida com profunda indiferença pela população. Se o sr. Marcelo Caetano pensava, ao mudar algumas caras do Gabinete, impressionar o País, enganou-se redondamente. A imprensa fascista, como era de esperar, transformou a iniciativa do sucessor de Salazar em grande acontecimento político e as colunas do "Diário da Manhã" e do "Diário de Notícias" vêm cheias de elogios às medidas do sr. Caetano, susceptíveis de imprimir maior dinamismo à evolução da economia portuguesa.

O homem da rua, entretanto, não tomou conhecimento da remodelação. Para ele as trocas operadas no baralho governamental são um assunto do exclusivo interesse dos banqueiros e dos grupos económicos nacionais e estrangeiros que controlam a vida portuguesa. A saída mais comentada é a do ministro Correia de Oliveira da pasta da Economia que chefiava há quatro anos. Mas os comentários situam-se no terreno da anedota. Basta dizer que o ministro era muito mais conhecido pela alcunha de "His

Master Voice" (o dono era Salazar) do que pelo seu próprio nome.

O ministro Correia de Oliveira foi substituído pelo seu colega das Finanças, criatura de inteira confiança do sr. Marcelo Caetano, e os titulares das três Secretarias de Estado da pasta — Agricultura, Comércio e Indústria — são também amigos pessoais do chefe do Governo. Se acrescentarmos que as individualidades nomeadas para as duas Secretarias de Estado que acabam de ser criadas — Tesouro e Orçamento — gozam igualmente do apreço incondicional do sr. Caetano e dos grandes monopólios, pode-se concluir que a remodelação traduz, por um lado, a preocupação do sucessor de Salazar em se rodear em elementos da sua confiança pessoal e, por outro, o acôrdo cada vez mais perfeito existente entre ele e os poderosos grupos económicos que dominam Portugal. Tudo o que se diz — muitas vezes com a aprovação do próprio Marcelo Caetano — sobre a impotência do chefe do governo em face das pressões dos ultras sofre assim um desmentido formal. Colocado à frente de um Ministério de colorido nitidamente caetanista será, agora, menos fácil ao sr. Caetano atribuir a poderosas forças do regime o fato de as suas promessas "liberalizantes" continuarem por cumprir.

Vocacionalmente demagogo, o sr. Marcelo Caetano fez também com que os ecos da remodelação ministerial atingissem as Colónias. Em Angola e Moçambique foram criadas Secretarias para o Planeamento, a Integração Económica e a Fazenda e Contabilidade. Oficialmente, essas Secretarias serão um passo no sentido da descentralização administrativa, isto é da maior autonomia desejada pelas minorias brancas colonialistas. Na prática apenas contribuirão para um maior congestionamento do pesado aparelho burocrático do Estado fascista. O sr. Marcelo Caetano sabe perfeitamente que não tem alternativa em África. A escadela militar é uma realidade e é ela que define a política africana do seu governo e não a criação de umas quantas Secretarias.

# A Luta dos Estudantes

PORTO (Do correspondente) — Continua a desenvolver-se com bastante intensidade a luta estudantil. Embora o movimento esteja aparentemente em atraso em relação ao que se passa em Lisboa, muitas ações se realizam que mostram a combatividade dos estudantes portueses.

Assim, na Escola de Belas Artes prossegue o processo reivindicativo desencadeado há meses, no Instituto In-

dustrial está-se em período de reorganização e em Economia prossegue a greve dos estudantes de Contabilidade. Em Letras (preparação das Semanas de Recepção), Engenharia (movimento com excelentes perspectivas das Comissões Pedagógicas), Ciências (reuniões sobre o problema das Matemáticas Gerais) e Medicina (eleições e preparação da atividade para o presente ano letivo) também o trabalho associativo se está

intensificando. O maior êxito de organização dos últimos meses é a greve de Económicas, que continua após mais de um mês de ausência às aulas dos estudantes de contabilidade. Apenas uma estudante furou a greve, e essa estudante tem sido completamente isolada pelos colegas. Parece que existem perspectivas para alargar o movimento a outras cadeiras, num trabalho de conjunto em relação a todos os problemas da Faculdade.

## Jovens exigem voto para maiores de 18 anos

Ao presidente da Assembléa Nacional fascista foi encaminhado um abaixo-assinado em que se pede o direito de voto para os maiores de 18 anos. O documento, amplamente subscrito pela juventude estudantil e trabalhadora do distrito de Aveiro é do seguinte teor:

"Na proposta da nova lei eleitoral apresentada pelo Governo à Assembléa Nacional, estimula-se, entre outras disposições, a concessão do direito de voto às mulheres.

Os jovens do distrito de Aveiro não podem deixar de intervir, expondo o seu ponto de vista no quadro dum reivindicação que lhes compete mais especificamente. Com efeito, a juventude é chamada a participar ativamente na vida pública e, a sua presença em vários campos da Administração, tem agido como fator de revigoração e progresso; por outro lado, o excepcional aumento da frequência dos cursos superiores faz supor uma predominância num futuro próximo, da geração jovem, na condução das superiores instituições nacionais; finalmente, a Lei vigente fixou em 18 anos a idade pela qual os cidadãos ficam abrangidos pelo cumprimento dos deveres concernentes à defesa nacional.

Donde a convicção de que ao procurar a concessão do direito de voto às mulheres portuguesas, sem as restrições que a lei aduzia, o Governo deseja a colaboração efetiva e real de todos os setores válidos da população nacional. Assim, consideram da maior premência, em razão do próximo ato eleitoral, e na sequência das alterações propostas, que a Assembléa Nacional, inclua no curso da discussão da proposta de Lei apresentada pelo Governo, a concessão do direito de voto aos indivíduos maiores de 18 anos. Firmes na sua consciência de democratas e seguros da justiça da sua pretensão, os signatários esperam de Vossa Excelência a atenção devida à sua urgência."

## COLONIALISMO E ANTICOLONIALISMO

### GUINÉ

Depois de violentos combates, em ações conjungadas de infantaria e artilharia, as forças do PAIGC - Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde - conquistaram, a 28 de Janeiro findo, os campos entrincheirados de Balana e Gandembel, no sul do país, e a 5 de fevereiro o de Madina, na região do Boé, sudeste do país, tendo as tropas colonialistas sofrido rudes perdas em homens e material.

Perseguidas pelas forças do PAIGC as tropas portuguesas que fugiam de Madina e se dirigiam para o norte procurando atingir a cidade de Gabu, foram interceptadas no momento em que atravessavam o rio Corubal, tendo sido mortos 50 soldados do exército de ocupação pelo fogo intensivo das bazookas e das armas automáticas.

A tomada do campo de Madina completa a liquidação de todas as tropas portuguesas na região do Boé, de cerca de 3.500 quilómetros quadrados e formada de ricas jazidas de bauxite.

Dois dias depois, a 7 de Fevereiro, foi obtida uma nova vitória na frente leste, quando os portugueses foram obrigados a deixar precipitadamente o posto militar instalado em Cheche, porto fluvial na margem norte do Corubal.

O posto de Cheche, que está ligado à cidade de Gabu por uma estrada carroçável e cuja guarnição tinha por principal tarefa a vigilância da barca que dá acesso à região de Boé, era de uma importância estratégica considerável e a sua queda representa uma importante vitória, consolidando o controle do PAIGC no acesso aquela vasta zona.

As forças do exército colonial português acabam de perder uma outra posição na frente sul onde foi igualmente ocupado o campo de Medjo, após violentos ataques de artilharia e infantaria que as obrigou a fugir.

A tomada de Medjo, como a de Gandembel, Balana e Madina já anteriormente ocupadas, representa uma grande intensificação na ação do PAIGC, iniciada no começo do ano corrente, que o alto comando português não consegue esconder, assinalando nos seus últimos comunicados o grande número de ataques sofridos e a queda de vários campos com a consequente perda de homens e material de guerra.

Na segunda quinzena de Fevereiro o PAIGC atacou, entre outros, a frente sul, os seguintes campos entrincheirados: São João, Fulacunda e Nhala, Gantongó, Cameconde e Guildage, além das instalações militares nos portos de Euxudé e Jabadá, na margem sul do rio Geba.